

# Os espelhos do labirinto

MAURO SANTAYANA

18 AGO 1995  
JORNAL DA TARDE

As portas de qualquer labirinto são sempre sedutoras, e mais ainda as do labirinto do orgulho. O governo do sr. Fernando Henrique Cardoso, em seus sete meses e três semanas, já penetrou tão profundamente nesse labirinto que só dele sairá se o presidente não tiver de todo perdido o fio de Ariadne de sua consciência ideológica, e saiba conduzir-se no difícil caminho de retorno. Isso não parece provável, embora seja possível.

Todos os governos se formam na tréguia das contradições, e o seu êxito se assegura na manutenção do acordo entre elas, mas para isso é necessário projeto que as supere. Por isso mesmo, os governos têm mais êxitos ou menos êxitos quanto mais se aproximem ou se distanciem do centro ideológico, ou do centro dos interesses, o que significa o mesmo. O problema crucial do governo do sr. Fernando Henrique Cardoso é que ele repetiu, na aliança com o PFL, um tipo de acordo necessário para encerrar o período autoritário e inconveniente na etapa de consolidação democrática.

O candidato Fernando Henrique enganou-se ao supor que, para chegar ao poder, teria de renunciar ao projeto político nacional de sua geração, a que havia aderido na juventude. Homem das elites tradicionais do País, a elas retornou, como seu candidato natural nas circunstâncias do pleito. Se o

seu discurso fosse apenas o da astúcia, o que em política também pode ser virtude, poderia ter ignorado o PFL, que não tinha como lhe negar os votos, diante da ameaça de que um operário chegasse à chefia do Estado. Afinal, ninguém compra o que já tem. Foi a ambição do poder que o levou ao pacto com os políticos conservadores, ao mesmo tempo em que se aliava aos grupos internacionalizados da economia brasileira e se comprometia, na cooptação dos tecnocratas, com o Con-

conto do *dinheiro barato* que se tornaria extremamente caro, a partir do início dos 80, com a brusca elevação dos juros nos Estados Unidos.

Ao escolher a sua equipe econômica, nomeado ministro da Fazenda e já candidato, assumiu o projeto neoliberal de Collor, do qual se afastara, com sua prudência, o sr. Itamar Franco. Ao ancorar a moeda nacional em reservas cambiais e, ao mesmo tempo, para conter os preços internos, liberar as importações, o governo criou falsa estabili-

## O CANDIDATO FHC ENGANOU-SE AO SUPOR QUE, PARA CHEGAR AO PODER, TERIA DE RENUNCIAR AO PROJETO POLÍTICO NACIONAL DE SUA GERAÇÃO

*senso de Washington* e sua particular versão continental, o *Consenso Hemisférico*.

Não quis entender que o Brasil é um dos poucos países do mundo que — pelas circunstâncias geográficas, recursos naturais e população — podem oferecer resistência à baderna financeira internacional, mediante a coragem de proteger os seus interesses com rígido controle do comércio externo e das transações cambiais, como fez e ainda faz o Japão, onde o modelo neoliberal não conseguiu desembarcar. Esse controle nos possibilitou sólido desenvolvimento industrial até a crise do petróleo dos anos 70, quando caímos no

dade e efêmera sensação de prosperidade. Sem economia exportadora capaz de competir, os saldos comerciais tendem a minguar e a desaparecer (o que já está ocorrendo) enquanto cresce o déficit. A fim de conter a sangria nas reservas, a equipe econômica é obrigada a oferecer juros elevados ao mercado, e, assim, captar recursos estrangeiros que não podem ser aplicados na economia industrial, e muito menos na agricultura, tendo em vista o seu altíssimo custo. Sem financiamento a juros suportáveis, as atividades produtivas se reduzem, quando não cessam. Vamos, assim, aumentando as falsas reservas no Banco de Com-

penções Internacionais, enquanto se exaurem, no pagamento dos juros, as reservas reais. A dívida externa volta a crescer, tendo em vista a expectativa dos juros que devemos pagar nos próximos meses e talvez anos aos predadores internacionais. Enquanto isso, alguns poucos banqueiros nacionais estão ganhando, na captação dos recursos externos para o governo, com a apropriação de generoso *spread*, provando que essa política não é apenas imposta pelas circunstâncias, mas também dirigida pelos que dela se aproveitam. Os bancos de varejo vêm reduzida a sua capacidade de operação e se confrontam com o gravíssimo problema da inadimplência, conforme as lições dos últimos dias, enquanto os especializados na intermediação com os *raiders* se locupletam, nas velozes entradas e saídas do dinheiro eletrônico e volátil. Com a recessão deliberada e o desemprego conseqüente, cai a oferta de bens, reduz-se a arrecadação de tributos, cresce o déficit — cada vez maior tendo em vista os juros — e se criam as condições objetivas para o retorno, acelerado, da inflação.

Há labirintos cujas paredes são de espelhos iluminados.

O AUTOR

Mauro  
Santayana  
é  
jornalista

